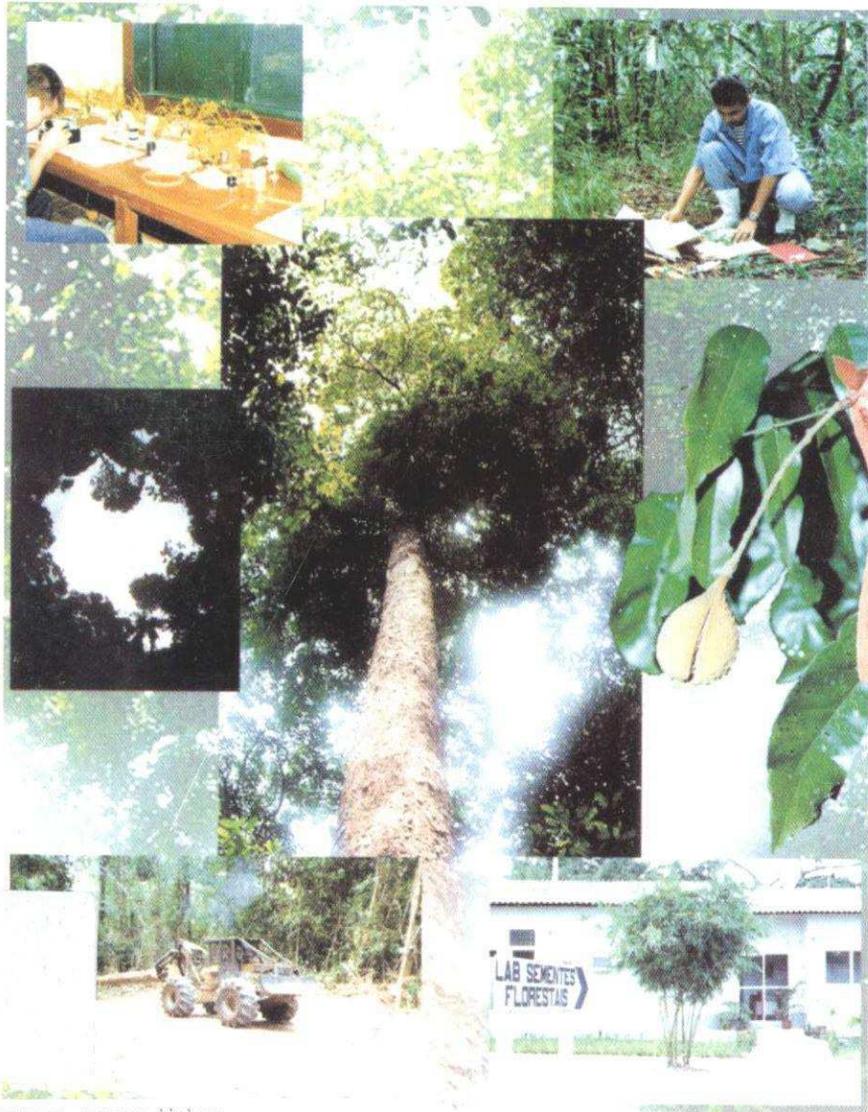


Simpósio SILVICULTURA NA AMAZÔNIA ORIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO EMBRAPA/DFID

**R
E
S
U
M
O
S

E
X
P**



Resumos expandidos...

1999

PC - 2005.00330

fevereiro de 1999
- Pará



30939-1

00330

SIMPÓSIO

SILVICULTURA NA AMAZÔNIA ORIENTAL:

Contribuições do Projeto Embrapa/DFID

Belém, PA, 23 a 25 de fevereiro de 1999

Resumos Expandidos



**Belém – Pará – Brasil
1999**

GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE TATAJUBA (*BAGASSA GULANENSIS* AUBL.) APÓS DIFERENTES PERÍODOS DE EMBEBIÇÃO EM ÁGUA¹

Silvana de F. R. Rocha²; Selma S. Ohashi³; Noemi Vianna Martins Leão⁴

A tatajuba (*Bagassa guianensis* Aub.) é uma espécie florestal nativa da Amazônia pertencente à família Moraceae. Tem como habitat as matas de terra firme e várzeas altas; sua madeira é pesada, fácil de ser trabalhada e utilizada para diversos fins: na carpintaria em geral, marcenaria, construções civis e navais, cabos de ferramentas manuais e dormentes (Loureiro, 1968).

Em termos econômicos, a tatajuba é uma espécie importante, estando atualmente entre as dez espécies madeireiras mais exportadas do Estado do Pará (AIMEX, 1995), tendo um consumo de 10.500m³ por ano de matéria-prima em tora, na região de Santarém (SUDAM/GTZ/SEBRAE, 1997).

Estudos silviculturais têm sido desenvolvidos com a espécie, através de plantações em sistemas agroflorestais e em consórcio com outras espécies florestais (Yared, 1980; Brienza et al., 1985) ou em plantações homogêneas (Veja, 1976). Em todos estes estudos, a tatajuba apresentou um rápido crescimento, com incremento médio de 1,04cm de altura e 0,95cm de diâmetro (SUDAM, 1979). De acordo com essas características, pode-se considerar que a tatajuba é uma espécie promissora para plantações.

Em relação à tecnologia de sementes, esta espécie tem sido pouco estudada, sendo necessários estudos nestas áreas para um melhor conhecimento da espécie e para dar suporte à utilização nos programas de reflorestamento.

O trabalho teve por objetivo verificar o comportamento da germinação das sementes de tatajuba (*Bagassa guianensis*. Aubl.), em diferentes períodos de embebição em água.

¹ Trabalho realizado com o apoio financeiro do Convênio Embrapa Amazônia Oriental/DFID.

² Estudante, Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Caixa Postal 917, CEP 66.095-100 Belém, PA.

³ Eng. Ftal., M. Sc., Professora da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, C. Postal 917, CEP: 66.095-100 - Belém, PA.

⁴ Eng. Ftal., M. Sc. Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66.017-970, Belém, PA.

O experimento foi conduzido no Laboratório de Sementes Florestais da Embrapa Amazônia Oriental, em convênio com a Cooperação Ambiental Brasil – Reino Unido, Belém, PA.

Para o estudo foram utilizadas sementes de tatajuba (*Bagassa guianensis* Aubl.) coletadas na Floresta Nacional do Tapajós, no Km 64 da Rodovia Santarém – Cuiabá, em Belterra, Pará.

Antes da instalação do experimento foi determinado o grau de umidade das sementes, de acordo com as recomendações das regras para análise de sementes (Brasil, 1992), em estufa regulada a $105 \pm 3^{\circ}\text{C}$ por 24h.

As sementes foram submetidas à imersão em água por períodos de (2, 4, 6, 8, 10, 12, 24 e 48) horas em temperatura ambiente.

O teste de germinação foi realizado em gerbox, tendo como substrato papel de filtro, em germinadores com temperatura constante de 25°C . A duração do experimento foi de 40 dias, com acompanhamento e coleta dos dados feitos diariamente, mantendo-se a umidade e efetuando-se a contagem de germinação. Foram consideradas germinadas as sementes quando houve o aparecimento da radícula.

O experimento foi implantado seguindo o delineamento inteiramente ao caso com quatro repetições e 25 sementes por parcela. Para a análise de variância, os dados de percentagem de germinação foram transformados para

$$\text{arc sen } \sqrt{x/100}.$$

As sementes apresentavam grau de umidade em torno de 10,73%, por ocasião da instalação do ensaio. A germinação das sementes teve início após 14 dias da sementeira, estabilizando-se aos 30 dias. Pela análise de variância dos dados, verificou-se que os tratamentos apresentaram diferenças estatísticas significativas entre os períodos de embebição testados (Tabela 1).

Pelo teste Tukey de comparações de médias, verificou-se que o período de embebição de 2h, diferem estatisticamente dos períodos de 24h e 48h e igualando-se aos demais. Os períodos de embebição de 4, 6, 8, 10, 12, 24 e 48 horas não apresentaram diferenças estatísticas entre si.

A Fig. 1 apresenta o comportamento das sementes quanto à germinação durante o período de execução do experimento. Analisando-se esta figura, verifica-se que a germinação teve início após o 14º dia da sementeira, tendo um aumento considerável após este período e

estabilizando-se após o 24^o dia, tendo todos os tratamentos o mesmo comportamento.

TABELA 1. Médias das percentagens de germinação para os diferentes tratamentos testados.

Tratamentos	Percentagem de embebição
48h	55 a
24h	52 a
12h	51 ab
10h	50 ab
8h	50 ab
6h	44 ab
4h	38 ab
2h	32 b

Médias seguidas de mesma letra não apresentam diferenças entre si.

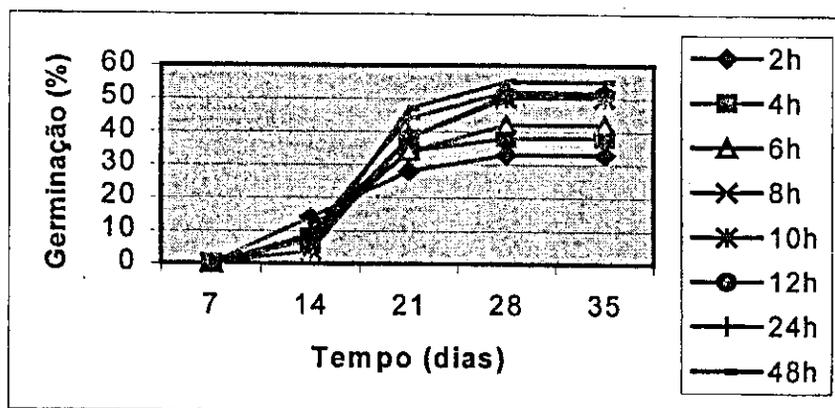


Fig. 1 – Germinação de sementes de tatajuba em diferentes tratamentos durante o período de execução do trabalho.

Os dados obtidos neste trabalho permitem concluir que a imersão das sementes de tatajuba (*Bagassa guianensis* Aubl.) em água apresenta grande influência na germinação, podendo-se recomendar a imersão das sementes em água por períodos de 4h ou mais para a obtenção de uma maior percentagem de germinação das sementes.